

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DOCENTE, O DESEJO E AFETIVIDADE NA DOCÊNCIA

PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION: TEACHER TRAINING, the DESIRE AND AFFECTIVITY IN TEACHING

¹ MILLANI, Helena de Fátima Bernardes

¹Docente Doutora do Departamento de Enfermagem - Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO

RESUMO

O presente trabalho trata-se do uso da psicanálise para uma reflexão no exercício da docência, o que se pode verificar o quanto a educação está ligada à psicanálise, além de ser um campo do saber da ciência médica. A educação trabalha com a criança, o adolescente e o adulto e, pela psicanálise observa-se que o adulto tem sua personalidade formada pelos fatos da época de sua infância e da adolescência. A psicanálise como um saber novo possibilita ao educador conhecer-se a si mesmo, compreender seus alunos e os fenômenos que permeiam o educar, o aprender, estar na sala de aula e construir sujeitos. Pode-se perceber que na relação professor/aluno afloram diversos sentimentos: sublimação, transferência, repressão, afeto, desejo, paixão, contratransferência, ternura entre outros, e que é imprescindível a compreensão destes sentimentos para o bom desempenho dos docentes. A relação educacional vai implicar, diretamente, a relação do sujeito como o outro, isso porque há a presença do “outro em mim”, que vai me influenciar na maneira de agir e de pensar sobre “eu mesma”, a partir do que penso do outro. Os sentimentos exteriorizados contribuem para compreensão das pessoas e favorecem que aflore um ambiente humanizado permeado pelo desejo e o afeto desencadeado da relação destes profissionais.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Afetividade. Desejo

ABSTRACT

This work comes from the use of psychoanalysis for reflection in the teaching profession, which can be seen how much education is linked to psychoanalysis, and is a field of knowledge of medical science. Education works with children, adolescents and adults, and by psychoanalysis is observed that the adult has his personality formed by the facts of the time of his childhood and adolescence. Psychoanalysis as a new knowledge enables the teacher to know himself, understand their students and phenomena that permeate the education, learning, being in the classroom and build subjects. You can see that in the teacher / student outcrop different feelings: sublimation, transference, repression, affection, desire, passion, countertransference, tenderness among others, and it is essential to understand these feelings to the performance of teachers. The educational relationship will involve, directly, the subject's relation to the other, that because there is the presence of "the other me", which will influence me in the way of acting and thinking about "myself" from what I think from the other. The exteriorizados feelings contribute to understanding of people and favor that aflore a humane environment permeated by the desire and affection triggered the relationship of these professionals.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Affectivity. Desire

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo carregou grande interesse pela psicanálise, pode-se dizer que ao descobrir no meu primeiro trabalho, num grande Hospital Psiquiátrico e Manicômio Judiciário, comecei a indagar sobre o inconsciente humano. Desde então

¹ Doutora em Educação: Psicanálise e Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – São Paulo. Professora das Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO. E-mail: hfbm@bol.com.br.

tenho estudado vigorosamente para buscar cada vez mais compreensão sobre o inconsciente e assim elegi como meu teórico de referência, Freud. Este estudo trata-se de um pequeno ensaio sobre a relevância dos estudos psicanalíticos para a educação, meio em que acredito poder compreender as nuances da psicanálise em colaboração com os acontecimentos interpessoais entre docentes e alunos, bem como o fruto desta relação escolar, que é aprendizagem. Para tal percorri os caminhos da vida de Freud, seu itinerário com seus professores, tutores, onde pude perceber processos inconscientes reveladores e grandes considerações desse que foi o criador da psicanálise. Aqui, por meio de alguns conceitos psicanalíticos trato sobre o desejo, o afeto, a transferência e contratransferência e, que sem os quais acredito que não seria capaz de refletir sobre a aprendizagem e o que a permeia.

Meu objetivo é refletir acerca destes sentimentos e emoções que permeiam a vida em sala de aula, com os docentes e alunos e que estão presentes na vida das pessoas desde a tenra infância, quando há a formação da personalidade, é quando os traços identitários qualificam-se e formam-se. Ao estudar os referenciais aqui descritos acredito que pude refletir de modo claro e simplista sobre o desejo e o afeto que considero fundamentais para aprendizagem, é um momento de muita significação ensinar e aprender, é um processo singular e que vem revestido por elementos psíquicos.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e para realizá-la foram pesquisados os materiais já publicados sobre o tema, bem como as obras do autor Freud, realizado uma seleção sobre o conjunto de obras dispostos para que permanecessem apenas os que possuem, abordagem pela ótica da psicanálise, também escolhidos os que abordam sobre a interface da psicanálise e a educação. A partir dos referenciais foi feita uma leitura crítica da literatura para tornar possível a utilização do certame escolhido.

DESENVOLVIMENTO

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A Relevância da Psicanálise para a Educação

Para ter condições de conhecer a Psicanálise, percorri um caminho de estudos sobre a vida de Freud. Sem isso acredito que não seria possível compreender os pontos que contribuíram para que ele construísse a Psicanálise.

Foi valendo-se de sua vivência que Freud, na convivência com as pessoas, com os mestres e no exercício de sua profissão que foi possível a elaboração de um novo saber, de uma nova ciência: a psicanálise.

Existem várias teorias sobre e para a educação. Neste artigo, apresento a psicanálise como sendo uma teoria capaz de auxiliar o processo educativo utilizando-se de alguns conceitos psicanalíticos. Por ser a psicanálise uma ciência complexa, não se deve aplicá-la, totalmente, à educação, mas, sim, valer-se de alguns aspectos teóricos dela que possam ajudar a educação a ter mais informação sobre a mente humana para poder lidar com o sujeito.

Para tratar da psicanálise e da educação e de como se processa essa interface, baseei-me nos referenciais psicanalíticos, com a intenção de buscar, num primeiro momento, a identificação que Freud teve com seus mestres, com a educação e como que sua ciência contribui para essa reflexão.

Freud falou várias vezes, da influência “que os professores e tutores tiveram em sua vida, nas opções, decisões e escolhas pessoais” (KUPFER, 2007, p. 23). Durante sua vida de estudante, viu muitos de seus professores como modelos; alguns o fizeram segui-los, outros lhe deixaram grande legado.

Gay (1995) comenta a respeito do contato de Freud com seus professores, sua identificação com eles mesmo quando eles abordavam saberes que não dominavam. Freud destacou alguns mestres. O primeiro foi Carl Brühl, que o influenciou para a medicina, o que pode ser verificado a seguir:

Sob a influência poderosa de uma amizade com um colega do liceu, um pouco mais velho, que mais tarde ficou conhecido como político, eu também quis estudar direito e me tornar socialmente ativo. No entanto as doutrinas de Darwin atraíram-me fortemente porque prometiam um extraordinário avanço em nossa compreensão do mundo, e sei que a leitura do belo ensaio “sobre natureza” de Goethe, numa conferência pública, pelo professor Carl Brühl, pouco antes dos meus exames escolares finais, levou-me a estudar medicina. (GAY, 1995, p. 38-39).

Não era a medicina a sua escolha e numa preleção de Carl Brühl, foi seduzido pelas poesias de Goethe, mas, na verdade, Freud era ávido, mesmo, pelo conhecimento (GAY, 1995).

Ernest Brücke, com quem Freud trabalhou durante seis anos, marcou também sua vida. Era uma clara identificação com o processo de transferência, levando Freud a declarar: “foi a maior autoridade que agiu em minha pessoa” (GAY, 1995, p. 40). Pode-se perceber, em Freud, a transferência da autoridade de seu pai Jacob para Brücke, o professor encaminhou o aluno e pesquisador Freud para o estudo da neurose e, conseqüentemente, a estudar, profundamente, a fisiologia do sistema nervoso.

Sob a influência de Brücke, que teve maior influência sobre mim do que qualquer outra pessoa em toda minha vida, fixei-me em fisiologia. Naquela ocasião já havia sido aprovado em todos os meus exames médicos, mas não adquiri qualquer interesse por coisa alguma que tivesse a ver com a medicina, até que o professor que eu tão profundamente respeitava advertiu-me de que em vistas das minhas circunstâncias materiais precárias, eu não poderia, possivelmente, seguir numa carreira teórica. Assim, passei da histologia do sistema nervoso para a neuropatologia e depois incentivado por novas influências, comecei a interessar-me pelas neuroses. (FREUD, 1989, p. 63).

Com Brücke, Freud aprendeu a ser disciplinado, a conviver em equipe, com um trabalho sem intrigas, mazelas e disputas pelo poder. Brücke favoreceu a entrada de Freud na equipe de Charcot, outro renomado e estudioso médico e professor.

Gay (1995) observa que Theodor Meynert, especialista no estudo do cérebro. Era um notável professor, cujas idéias eram discutíveis. Freud expressava seus sentimentos a respeito Meynert, de forma que dava a entender como se ele não fosse compreendido por este, mesmo assim, Freud tinha fascínio por ele e sentia-se protegido.

Já o professor Jean-Martin Charcot, quem Freud considerava amável e decidido, uma pessoa viva, paciente, dedicada ao trabalho e atraente. Charcot foi “um pai intelectual, para o qual Freud podia erguer os olhos e tentar imitá-lo” (GAY, 1995, p. 64).

Era a liberdade nas discussões nos estudos de caso que encantava Freud e a responsável pela consideração que ele tinha por Charcot, que conduzia seu trabalho com verdadeira fascinação, o que está registrado nos escritos de Freud, como se

constata a seguir: “Cada uma de suas aulas era uma pequena obra de arte em construção e composição, era perfeita na forma e tão marcante que, pelo resto do dia não conseguíamos expulsar nossos ouvidos o som de suas palavras nem de nossas mentes a ideia que ele demonstrava” (FREUD, 1987, p. 26).

Seu último e grande mestre foi Josef Robert Breuer, um fisiologista inteligente, que deu a ele a oportunidade de aprofundar-se na questão da histeria. Com ele, descobriu no fenômeno da transferência e da sexualidade a origem das neuroses.

Chama atenção o modo como Freud falava sobre cada um de seus mais importantes professores, como eles eram distinguidos por Freud, quanto à sua capacidade profissional. Na verdade, ao longo de sua vida, Freud refletiu sobre a educação e a importância dos professores, como influenciavam seus alunos, a forma de ensinar de cada um, a clareza do processo de transferência e o desejo saciado pelas ricas aulas e preleções, baseado em sua vivência com os seus mestres.

Vale destacar, ainda, o médico alemão Wilhelm Fliess, especializado em cirurgia e otorrinolaringologia, que, além de protagonista na história da psicanálise, tornou-se para Freud um amigo e um mestre. Após assistir a algumas conferências de Freud, em Viena, Fliess criou laços de amizade com ele tornando-se frequente confidente e grande apoiador das descobertas e indagações feitas por Freud.

Kupfer (2001, p. 8) assinala que Freud foi um mestre da educação, pois, segundo ela,

Em primeiro lugar seu peculiaríssimo modo de produzir teoria revelou a preciosa relação que tinha com o ato de pensar: Freud pensou com a sua mente e com seu desejo. E ao transmitir sua teoria cunhada nessa preciosa liga de pensar e desejar transformou-se num mestre extremamente eficiente.

Em *Conferências Introdutórias* (conf. nº 10) e *Novas Conferências Introdutórias* (conf. nº 334), Freud demonstra que a psicanálise dá sua contribuição para várias ciências, para outros campos de conhecimento, como a Educação, que pôde se beneficiar dos saberes obtidos pela Psicanálise-tanto os educadores como os alunos. Isso permite a psicanálise propiciar uma abordagem investigativa, desde a época da infância, e lançar um olhar sobre o que a cultura contribui para o desenvolvimento das crianças, por meio de seus laços sociais: família e educação.

Valendo-se dessas observações, Freud, demonstrou, pela psicanálise, o quanto é frutífera a época da infância, o que me permite lembrar, aqui, que, por isso, podem ser manifestados, mais tarde, estados emocionais que estão atrelados a mudanças sociais. Isso vem ao encontro de uma interface entre a psicanálise e a educação, no sentido de que a psicanálise possa ajudar educadores a refletir sobre eles mesmos, suas vidas, desde a infância, bem como, sobre a arte de ensinar e o relacionamento com os alunos, considerando-os sob uma mesma perspectiva.

Nesse artigo, pude verificar o quanto a educação está ligada à psicanálise, além de ser um campo do saber da ciência médica. A educação trabalha com a criança, o adolescente e o adulto. É fundamental considerar a infância como um período rico em que se forma a personalidade; é quando os traços identitários qualificam-se e firmam-se.

A psicanálise é um saber novo, ela não pode substituir o que a educação faz e também não deve ser considerada como salvadora dos problemas educacionais, mas deve ser considerada relevante para se compreenderem os fenômenos que envolvem o aprendizado. Ela possibilita ao educador conhecer-se a si mesmo, compreender seus alunos e os fenômenos que permeiam o educar e o aprender, como dizia Freud (1976b, p. 342): “o trabalho da educação é algo *sui generis*: não deve ser confundido com a psicanálise e não pode ser substituído por ela”; o que vem ao encontro da citação de Filloux.

Na educação, há desafios postos. Na relação de educadores e alunos - estes em busca do conhecimento há um campo em que circulam elementos inconscientes em ambos os lados. É um campo de transferência permeado por outros elementos: a ética, a responsabilidade, o desejo, os afetos, a busca do saber quanto ao funcionamento psíquico de ambas as partes. Mas, ao professor, cabe o papel de mediador entre o aluno e o que ele busca no conhecimento.

Trago aqui, novamente, as *Conferências Introdutórias* (FREUD, 1915/1996,) e as *Novas Conferências Introdutórias* (FREUD, 1932/1996), nas quais Freud afirma que a aquisição de conhecimento depende da relação do aluno com seus professores e com seus colegas, numa relação transferencial que tem com eles, enquanto representantes de seus pais e irmãos), “[...] é difícil dizer se o que exerceu mais

influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas ou pela personalidade de nossos mestres”

Nas obras *Totem e Tabu* (1912), *O Futuro de uma ilusão* (1927), *O Mal estar da civilização* (1929), Freud aborda a questão evolutiva do homem, bem como, a cultura ao longo do que estava por vir. Ele discorre sobre o homem e sua interação com o meio, como um ser social, sofredor e inconformado pelas pressões sociais e sobre a sociedade, como ela se encontra nos dias atuais.

Esses textos possibilitam perceber, com maior clareza, a contribuição de Freud para a pedagogia, para a compreensão da pressão social exercida sobre o homem desde sua infância.

A educação passa a ser o princípio da realidade, pois permite ao indivíduo, submetido ao princípio de prazer, a passagem da satisfação das pulsões para o universo do simbólico, que se dá pela linguagem. É por essa via que se firmam as relações afetivas, a referência da representação da lei, do saber, do lado do educador aos olhos e pensar dos alunos: o que sabe tudo.

A relação entre a psicanálise a educação pode ser observada quando traz a responsabilidade para o professor, pois dá grande importância àquilo que o professor diz ao aluno, como ele diz e como ele se posiciona diante dos alunos. Ele deve ter cuidado ao dizer algo para um aluno porque a palavra é revestida de significados.

Mannoni (1973) corrobora esse entendimento quando observa que, na relação professor/aluno, existe uma barreira entre o professor, que sabe tudo, e o aluno, que nada sabe. Há nessa relação, o desencadeamento da afetividade, do desejo de saber do aluno e o ideal de ensinar do educador, o que gera desejos inconscientes de ambos os lados, cada um procurando sua satisfação. Se é na escola que acontecem essas trocas – a afetividade, o desejo de saber e o ideal de ensinar – é necessário que o educador permita que haja reciprocidade quanto à sensibilidade, ao carinho, à empatia, ao companheirismo, ao afeto com os alunos. É preciso desenvolver uma relação sensibilizada que ampare os desejos do educador e os do aluno, onde o afeto faz-se presente.

Busco uma definição mais completa sobre o desejo e da afetividade, uma vez que esses sentimentos permeiam a relação do docente com o discente.

Na concepção freudiana, um dos pólos do conflito defensivo. O desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. A psicanálise mostrou, no modelo do sonho, como o desejo se encontra nos sintomas sob forma de compromisso. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 113).

O conceito de desejo, para Freud, se refere a uma energia pulsional, algo que fica no limite entre o corpo e o psíquico, uma tensão que percorre o organismo e exige constante satisfação.

O desejo pode ter outro entendimento por ter relação intrínseca com a ordem biológica das necessidades e com a ordem da linguagem do amor. O homem deseja porque a satisfação de suas necessidades básicas passa pelo apelo do outro dirigindo a outro, o que, de imediato altera, a satisfação (LACAN, 1997).

Lacan situa a noção do desejo como o primeiro plano da teoria psicanalítica, para ele o desejo está situado entre a necessidade e a demanda, e sua inscrição se dá no registro de uma relação simbólica com o outro. O desejo então está ligado a uma falta que não pode ser preenchida por nenhum objeto real, isto porque, ao tentar significar seu desejo, o sujeito o faz pela mediação da demanda, a qual introduz uma divisão entre o que desejado, e o que se faz ouvir deste desejo na demanda. Assim o objeto do desejo é um objeto que falta.

Na teoria freudiana, o desejo tem por modelo a primeira experiência de satisfação. Sua origem encontra-se no reinvestimento psíquico de um traço mnêmico de satisfação ligado à identificação de uma excitação pulsional. É essencialmente dinâmico, e esse dinamismo é constitui a essência do desejo.

Já o afeto para Freud está ligado ao conceito de pulsão, sendo a pulsão uma construção teórica de Freud “conceito situado entre a fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915^a /1974, p.142).

A proximidade da psicanálise com a educação faz me pensar que todos os alunos vêm para a escola com sua vivência familiar, com sua singularidade, frustrações, sua história de vida e acabam expressando, pela linguagem, o seu comportamento. Ao expressar sua singularidade, é necessário que o educador procure articular, de maneiras diferentes, os métodos de ensinar e de pensar. Nesse

sentido, me parece fundamental a contribuição da psicanálise para o educador, com a finalidade da compreensão de todas as manifestações dos alunos, no que há de mais profundo e até mais íntimo, sendo necessárias, para isso, boa formação e maturidade dos educadores.

Freud (1996b), no prefácio do livro *Juventude desorientada*, de August Aischlom (1925) e na sua obra *Análise terminável e interminável* (1937), atribui um grau considerável de dificuldade para três tipos de missões: “educar, governar e psicanalisar”. Refere-se a tal dificuldade pelo fato de lidarmos com o ser humano, movido pelas forças da pulsão e vítima dos processos socioculturais, o que torna impossível atingir, plenamente, os objetivos desejados.

Compreende-se que o ato de educar, exposto por Freud, está relacionado com a pulsão e o meio sociocultural, como uma difícil adequação às leis do contexto escolar e dos materiais culturais. O educador e aluno carregam, desde infância, elementos, muitas vezes, não externados, mas, reprimidos, o que acaba provocando dificuldade de compreensão entre ambos.

O estudo de Freud sobre a educação parte de uma especulação sobre o desejo de aprender, o desejo de absorver conhecimento, expresso pela criança através de inúmeros questionamentos que esta dirige aos seus pais. Entre as várias interrogações estão sobre a origem do ser humano, sua concepção e, sobre o que ocorre conosco no momento da morte. De acordo com Freud, a criança vai expressar as suas dúvidas durante toda sua existência.

Sobre a afetividade corresponde ao conjunto dos fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, que são acompanhados da impressão de dor ou de prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, alegria ou tristeza. E, assim considerando que o afeto é o elemento principal da afetividade pode-se ler em Freud (1969a,p.192):

Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme, dão afeto seu traço predominante. Não penso, todavia, que com essa enumeração tenhamos chegado a essência de um afeto. Parece-me ver em maior profundidade no caso de alguns afetos e reconhecer que o cerne que reúne a combinação que descrevemos é a repetição de alguma experiência significativa determinada. (FREUD (1969a,p.192).

Portanto na psicanálise o afeto é o estado emocional ligado à realização de uma pulsão, a tendência permanente, em geral inconsciente, que dirige e incita toda afetividade do indivíduo.

Freud, pelo conceito de sublimação, apresentou o mecanismo de defesa do ego, que pode ser considerado uma das funções fundamentais da escola, a de promover a socialização. O ego faz a mediação entre a realização dos desejos e a realidade.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 45),

Freud ao longo de toda a sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual: por exemplo a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que dada sociedade confere grande valor.

O termo sublimação refere-se ao mecanismo que permite que certos impulsos inconscientes sejam desviados de seus objetivos, por necessidade, num certo momento da vida das pessoas, e acabam aderindo à personalidade delas.

Por meio da sublimação e de sua importância, os educadores podem canalizar as pulsões destrutivas dos alunos para atividades escolares produtivas na sala de aula e/ou para as que envolvam o relacionamento dentro da escola. É uma forma pela qual o professor deixa de ser opressor de seus alunos, permitindo o afloramento/exteriorização da subjetividade de cada um.

Na escola, no processo educativo, pode-se verificar o quanto a subjetividade está presente no relacionamento professor/aluno; é uma relação complexa; cada um permeado pelos seus desejos, níveis de afeto e, alguns até atingidos pela repressão. Ao educador, cabe reconhecer o que é demanda consciente de sua parte e, também, de seus alunos.

Estar numa sala de aula é viver a representação. É necessário que os professores lancem um olhar para seus alunos e tentem desvelar que, ali, se apresentam os que estão envolvidos nessa relação e os que motivam ou desmotivam o aprender. É importante que os educadores pautem sua conduta pelo conhecimento, pela disponibilidade de ensino e aprendizagem, pela observação e 'transitem' pela relação interpessoal cuidadosa, possibilitando assim, que seus elementos psíquicos sejam despertados e possam descobrir ou compreender o que levam os alunos a

estar em sala, sua livre expressão, suas emoções, seus saberes. Os processos de subjetivação servem como base relacional para muitos aspectos que permeiam o campo de atuação docente. Podem determinar a prática pedagógica e as relações entre professor e aluno.

Psicanálise na Formação Docente

Ao voltar o olhar para a formação e a profissão docente e tendo a psicanálise como referencial teórico deste artigo, pude compreender uma articulação possível dos fenômenos que permeiam essa realização e que podem repercutir na vivência profissional do educador.

Para Masetto (2001), ao buscar a docência do ensino superior, é necessário transitar pela pedagogia para conhecê-la, o que requer ter compreensão do conceito do processo ensino-aprendizagem, verificar a condição do professor como aquele que compreende o gestor do currículo, aquele que dá sentido para a relação professor-aluno e aluno-aluno, bem como, conhecer as teorias e práticas básicas desse segmento da Educação.

O lugar, nomeado por Freud de inconsciente, constitui a junção de uma construção teórica, cujos efeitos se inserem em nossa condição de sujeitos humanos, com possíveis impactos nas práticas pedagógicas. São elementos que estão presentes, mas de forma latente; nem todos ocupam o lugar central das cenas em que aparecem. Estão presentes no fazer do professor e podem se postar em prática numa determinada situação de ensino, na maioria das vezes, independentemente de nossa vontade inconsciente.

Freud, no texto *Interesse Científico da Psicanálise* (1913/1977) afirma que a psicanálise trouxe à luz os desejos, o afeto, a formação de pensamentos, os processos de desenvolvimento da infância e, acima de tudo, a importância inestimável da sexualidade nas manifestações corporais e psíquicas. Portanto, todo o saber que possa inspirar – na teoria e na prática – a ação educativa. Do mesmo modo, só pode ser educador quem pode sentir, a partir do íntimo, a vida psíquica infantil.

Para Almeida (2012), a aproximação entre a Psicanálise e Educação visa utilizar o saber oriundo da teoria e da experiência psicanalíticas para fazer algumas observações e construir hipóteses centradas, principalmente, em algumas questões

fundamentais do campo educativo, objetivando, com isso, produzir novos conhecimentos para esse campo, especialmente no que se refere às posições subjetivas do aluno e do professor frente ao objeto do conhecimento e sua mediação.

Almeida (2012, p. 114) afirma que

Buscar re-significar, desde uma ordem simbólica, a prática pedagógica e o cotidiano das relações intersubjetivas professor-aluno, interrogando-se sobre o desejo de ensinar do professor, implica a compreensão do sujeito humano como um ser de linguagem, efeito dos significantes do Outro e da cultura. Esta concepção permite uma leitura ou interpretação das relações entre a psicanálise e a educação tomando como campo operatório ou de referência o assujeitamento de ambas às leis do funcionamento da ordem simbólica, ou seja, às leis da linguagem, da palavra, enquanto condição de produção de sujeitos.

Ainda conforme Kupfer (2001), a condição que se coloca para o educador é a de que ele veja os alunos como alguém além de um feixe de nervos que se pode controlar e condicionar. Nesse sentido, o saber e a tarefa da Psicanálise assim como o saber não é pragmática.

A psicanálise resgata o sujeito. De acordo com Kupfer (2001) o contato com a psicanálise mostra ao professor que, para ensinar, será preciso falar ao sujeito suposto no aluno. Assim, ouve falar do sujeito, mas ainda assim, continua sem saber como atingi-lo, como fazê-lo entender o que sua racionalidade supõe que ele deveria aprender. Continua sem método, e o sujeito do qual ouviu falar torna-se mais misterioso do que nunca. Mas esse professor aprende a levá-lo em conta, aprende que visa um alvo e acerta em outro, reaprende que visa à consciência de seu aluno, mas atinge o sujeito.

Como mencionado anteriormente, na própria vivência de Freud, na infância o que se recebe de formação e de elementos psíquicos – as fases, os comportamentos – será necessário para a vivência futura de todas as pessoas. Pude, então, perceber que os docentes e alunos levam consigo para a sala de aula suas vivências desde a infância.

Essa compreensão que se deve ter dos sentimentos está presente no exercício da docência. E para firmar novamente sobre os sentimentos, recorro a Laplanche e Pontalis (2001, p. 9), autores que definem o afeto como:

Termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã e que exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa de energia pulsional e das suas variações.

Laplanche e Pontalis (2001, p.10) comentam, ainda, que “Freud formulou uma hipótese destinada a traduzir o aspecto vivido do afeto. Os afetos seriam reproduções de acontecimentos antigos de importância vital e eventualmente pré-individuais”.

Diante dessas considerações, posso conjecturar que o afeto é um estado que envolve emoções ligadas à realização de uma pulsão ativa na vida dos indivíduos, mas, a cada um, atinge de modo diferente. A afetividade constitui-se à medida que o ser humano vai crescendo e sabendo se beneficiar dela, bem como, beneficiar os outros seres humanos a partir das relações com eles estabelecidas.

Ao dirigir o foco para a relação do docente com os alunos, acredito na importância de escrever sobre o conceito de transferência, iniciando pela definição proposta por Laplanche e Pontalis (2001, p. 514):

[...] designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro de relação analítica. É classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e sua resolução que caracterizam este.

Ao lidar com a transferência na inter-relação docente-aluno, pode-se dizer que aquilo que é transferido do aluno ao professor e vice-versa são as experiências primitivas que ambos viveram com os seus pais. Daí, a necessidade de abordar esse assunto, pois a figura dos pais se transfere para a do professor, e essa ação pode resultar em uma transferência.

Sobre a transferência, Freud (1976a, p. 130) escreveu o seguinte:

[...] A natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, já foi firmada nos primeiros seis anos de vida. Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais se livrar delas. As pessoas a quem se acha assim ligada são os pais (ou substitutos, e os irmãos, as irmãs). Todos que vêm a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutivas desde primeiros objetos de seus sentimentos. Todas as escolhas posteriores de amizades e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos.

Nessa citação, pode entender que o professor imbuído de poder pode revestir sua autoridade aos olhos dos alunos e acabar transformando o que ele diz e pensa em crenças para os seus alunos, mas, também, pode acontecer o inverso: nada que o docente faz é aceito, prestigiado e interiorizado.

O processo transferencial entre o docente e o aluno é como se o professor guardasse consigo, a cada dia de encontro em suas aulas, sentimentos que pertencem aos alunos e que se vão disseminando no inter-relacionamento deles com o professor.

Esse processo acontece pela ordem do desejo, torna-se muito especial, algo que, num primeiro momento, pode ter sido desagradável. Com a manifestação da hostilidade por parte de alguns alunos, foi possível perceber a complexidade da profissão docente.

Assim como o conceito de transferência, o conceito de identificação tem grande valor na obra freudiana. Conforme Freud (1921/1996), é um processo psicológico em que o sujeito se organiza a partir do modelo de outra pessoa. Freud (1996a, p. 133) refere-se a esse conceito da seguinte maneira: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”.

Morgado (2002) acrescenta que o respeito e afeição provenientes da primeira identificação, exprimem o sentimento da criança pelos pais quando ainda depende totalmente deles. Essa dependência provém da submissão. A ternura e o respeito surgem da relação com a figura da autoridade, não somente na figura dos pais, mas, também, na dos professores.

Sendo assim, é possível que alguns alunos se identifiquem com seu professor, visto que ele é uma figura de autoridade que o aluno transfere para ele suas experiências das relações parentais. Seguindo essa ideia, admite-se que a personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (LAPLANCHE; PONTALLIS, 2001). Outro conceito em que há necessidade de intersecção, neste momento, é o conceito da contratransferência, uma vez que o mesmo se desenvolveu concomitantemente que o conceito de transferência, já descrito aqui.

Quando Freud (1996a) começou a perceber que a maneira de o médico responder ou reagir aos sentimentos transferenciais do paciente também podia

influenciar o processo terapêutico, seja de forma positiva ou negativa, desenvolveu o conceito de contratransferência.

Silva (2001) diz que a relação educacional vai implicar, diretamente, a relação do sujeito como o outro, isso porque há a presença do “outro em mim”, que vai me influenciar na maneira de agir e de pensar sobre “eu mesma”, a partir do que penso do outro.

Quando um aluno transfere para o professor a autoridade vivida com os pais nas relações originais, isso significa que o professor é o mestre que sabe, assim como, os pais que eram a autoridade, a lei ou a ordem.

E se o professor reage, contratransferencialmente, ao amor e ao ódio, estão respondendo às suas próprias fixações de infância e também às fixações dos alunos, estes por sua vez, ocupam o lugar das figuras parentais de seu passado, e o professor ou o enfermeiro ocupam o lugar prototípico infantil do aluno. Nesse processo, estão repetindo seu passado em vez de extrair, da nova relação, sentidos e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Leite e Tassoni (2002), alguns autores – como Fernandes (1991), Dantas (1992), Snyders (1993), Freire (1994), Codo e Gazzoti (1999) e outros – defendem que “[...] o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem” (LEITE; TASSONI, 2002, p. 2).

Considerando a vinculação e que o ensino e a aprendizagem são movidos pelo desejo, pode-se encontrar, em Laplanche e Pontalis (2001, p. 114), a definição mais elaborada do desejo:

[...] refere-se à vivência de satisfação após a qual a imagem mnésica de uma certa percepção se conserva associada ao traço mnésico da excitação resultante da necessidade. Logo que esta necessidade aparecer de novo, produzir-se-á, graças a ligação que foi estabelecida, numa moção psíquica que procurará reinventar a imagem mnésica desta percepção e mesmo invocar esta percepção, isto é restabelecer a situação da primeira satisfação: a essa moção é que chamaremos desejo, o reaparecimento da percepção é a realização do desejo.

De forma simples, digo que o docente e o aluno devem estabelecer um vínculo afetivo, em que apareça, sempre, o processo transferencial, e a partir desse, o desejo – tanto do docente como do aluno – e a existência desse círculo de sentimentos, pode-se dizer que há aprendizagem.

A afetividade acompanha o ser humano por toda a vida, ela é responsável pela intensidade do ensino aprendido dentro da educação, auxilia na formação cognitiva e intelectual. A aprendizagem pode ocorrer de maneira mais significativa a partir do momento em que o desejo de aprender e de ensinar faça parte efetiva do processo. É uma relação que se faz entre o professor e o aluno, com grande significado, pois ambos participam do processo de ensinar e aprender. Ensinar implica uma relação interpessoal irrepitível, única, constituída por atitudes humanas, às vezes, não previsíveis, nem preestabelecidas, em razão da singularidade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. M. M. Z. P. **O lugar da memória educativa na formação de professores:** uma leitura psicanalítica. Curitiba: CRV, 2012.

BATISTA, N. A. Desenvolvimento docente na área da saúde: uma análise. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 14-18, 2005.

CARDOSO, M. V. L. M. L.; PAGLIUCA, L. M. F. **Caminho da luz:** A deficiência visual e a família. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura; 2003.

FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. XII, p. 129-143.

_____. (1913). O Interesse Científico da Psicanálise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. XIII, p. 211-226.

_____. (1915-1932). **Obras completas**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. (1919). Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. XVII .

_____. **Obras completas**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **Obras completas.** Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. **Obras completas.** Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e Novas Conferências Introdutórias. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

KUPFER, M. C. **Educação para o futuro: Psicanálise e educação.** São Paulo: Escuta, 2007

_____. Freud e a educação, dez anos depois. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre,** Porto Alegre, 1999.

LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. (O seminário: Livro 2). (Originalmente publicado em 1954-1955).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, S. A.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversa.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2002. p. 2.

MANNONI, M. **Education impossible.** Paris: Du Seuil, 1973.

MASETTO, M. **Docência na universidade.** 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com os afetos inconscientes.** 3. ed. São Paulo: Summus, 2002.

SILVA, M. L. F. S. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno.** Campinas: Unicamp; FE, 2001.